

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Victória de Castro Vianna

Sistema de Abastecimento de Alimentos na Cidade de Maputo, Moçambique
Produção, Distribuição e Circulação de Produtos Agrícolas

São Paulo

2019

VICTÓRIA DE CASTRO VIANNA

Sistema de Abastecimento de Alimentos na Cidade de Maputo, Moçambique
Produção, Distribuição e Circulação de Produtos Agrícolas

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Mónica Arroyo

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Vn Vianna, Victória de Castro
Sistema de Abastecimento de Alimentos na Cidade de Maputo, Moçambique Produção, Distribuição e Circulação de Produtos Agrícolas / Victória de Castro Vianna ; orientadora Maria Mónica Arroyo. - São Paulo, 2019.
50 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Mercados. 2. Moçambique. 3. Cidade de Maputo. 4. Produtos Agrícolas. 5. Circulação. I. Arroyo, Maria Mónica, orient. II. Título.

À minha avó Maria da Conceição.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todas e todos que de algum modo, direta ou indiretamente, contribuíram para elaboração dessa monografia foi um exercício de extrema satisfação, pois me permitiu revisitar os longos anos de graduação e as oportunidades de aprendizado, amadurecimento profissional e encontros preciosos que fizeram parte do processo formativo vivenciado na universidade pública.

Meus agradecimentos à Aline Oliveira, uma das primeiras veteranas que eu conheci, antes mesmo de oficialmente ingressar na Universidade de São Paulo (USP), pela disposição em esclarecer dúvidas e pelo incentivo ao ingresso no curso. À Ana Elisa (Aninha), pelo apoio, entusiasmo e inúmeros momentos de acolhida no Laboplan. À Prof^a Rosa Ester Rossini, pela oportunidade do primeiro contato com a pesquisa acadêmica, durante a Iniciação Científica, e pelos encontros que se sucederam a partir dos projeto de pesquisa e trabalhos de campo com Aline Santos, Mateus Sampaio, Raquel Simão e Pedro Vanucci.

Aos integrantes da Revista Paisagens, muitas reuniões, revisões de artigos, organização de eventos e entrevistas. Em cada edição produzida inúmeros aprendizados sobre parceria e trabalho em equipe.

Às amigas que tiveram início nos estágios da graduação (Emplasa e Arcadis) e que se fortalecem a cada dia, sou grata pelos debates e discussões que contribuíram e continuam contribuindo para minha formação e aguçamento do pensamento crítico.

Agradeço à Maraiza Adami e ao Antônio Gomes pelas primeiras conversas sobre Moçambique, indicações de leituras e incentivo ao, até então, projeto de intercâmbio para a Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

À Viviane Vieira e Fabiano Alves que embarcaram comigo, desde São Paulo, em uma das experiências mais marcantes dentre tantas que a universidade me proporcionou, sou muito grata por tudo que compartilhamos, discutimos e percebemos juntos durante o ano que estive em Moçambique. Dessa experiência também menciono Gabriele Novaes e Giorgio Sammito, grata por nossos caminhos terem se cruzado em Maputo e pelos laços que foram estabelecidos desde então, proporcionando tantas reflexões enriquecedoras. À Patrícia Neves e Felipe Nascimento, pelas inúmeras conversas acolhedoras e provocativas e, mais uma vez, pelo tanto que foi compartilhado.

Ao Prof. Yussuf Adam, UEM, grata pelas discussões em sala de aula, pelas inúmeras conversas e pela acolhida. Aos colegas Elcídio Macuacua, Liandra Cristina e Clovis Eufrásio, por todo apoio durante os meses de intercâmbio.

Ao Jeremias Vunjanhe, ADECRU, e Adriano Vicente, UNAC, pela intermediação de contatos e informações concedidas no período em que estive em Moçambique, contribuindo para a recolha de dados úteis à elaboração desse trabalho. À D. Amélia, pelas informações sobre o Mercado do Povo, e à D. Sofia por permitir que eu a acompanhasse em uma de suas compras diárias no Mercado do Xipamanine. Ao Sr. Simão Nhane, do Ministério da Agricultura (SIMA), pelas dados fornecidos e pela visita aos mercados do Xiquelene e do Zimpeto. À Victória Nhampalele, da Divisão Provincial da Agricultura (Maputo), pelas informações e dados fornecidos. Aos demais moçambicanos que conheci durante minha estada no país, grata pela recepção e por dividirem um pouco de seus olhares e histórias familiares, permitindo que, a partir de diferentes narrativas, eu conhecesse um pouco mais de Moçambique.

Ao meu pequeno núcleo familiar (pai, mãe e irmão) que compartilhou comigo a caminhada até aqui, mesmo que passando por trechos mais difíceis, agradeço pelos momentos de incentivo. À minha tia Alaíde Castro, por sempre me encorajar e motivar. À minha tia Eni Fukuda, pela escuta sempre atenciosa, pelo apoio, desde a primeira viagem da graduação até o intercâmbio, e por acreditar nos meus planos acadêmicos e profissionais. À minha avó materna, Maria da Conceição, que ao descrever inúmeras vezes o Pernambuco de sua infância e juventude e sua trajetória como migrante, contribuiu para que meu interesse pela Geografia fosse despertado.

Aos professores e professoras que me receberam durante os estágios da licenciatura e aos muitos estudantes, do 6º ano ao Ensino Médio, do ensino regular e do EJA, que conheci nessa etapa da graduação, sou grata pela acolhida, pelos diálogos e pela generosidade no compartilhamento de aprendizados e percepções tão caros à minha formação.

Agradeço à Tatiane Brasil de Freitas pelo tempo dedicado à elaboração das figuras que compõem essa monografia.

À minha orientadora, Profª Mónica Arroyo, meu agradecimento pelo estímulo durante o processo de escrita desse trabalho, por me ouvir atentamente e contribuir para a organização da minha pesquisa, com comentários sensíveis e precisos.

Agradeço ainda à reitoria da Universidade de São Paulo (USP), pela bolsa de estudos concedida durante a realização do intercâmbio internacional na Universidade Eduardo

Mondlane (UEM), imprescindível para a idealização e elaboração desse Trabalho de Graduação Individual (TGI).

Estamos juntos!

RESUMO

VIANNA, Victória de Castro. **Sistema de Abastecimento de Alimentos na Cidade de Maputo, Moçambique – Produção, Distribuição e Circulação de Produtos Agrícolas**. 2019. 50 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A temática apresentada nessa monografia coloca em discussão o modo como atualmente ocorre a produção, distribuição e circulação de alimentos em Maputo, capital de Moçambique. Para isto analisa o sistema de abastecimento, distribuição e comercialização de alimentos nos mercados populares da capital moçambicana, considerando as dinâmicas estabelecidas no entorno dos referidos mercados – postos de venda de alimentos a grosso (atacado) e retalho (varejo) – e nas áreas de produção agrícola da zona verde da cidade de Maputo. Nesses locais se produzem os alimentos que abastecem parcialmente os mercados consumidores da capital, assim como de outras cidades de Moçambique. Além da produção local, a rede de distribuição também é abastecida por produtos provenientes de outros municípios da província de Maputo, como Boane e Matola, e de países fronteiriços a Moçambique, como África do Sul e eSwatini (Suazilândia).

Palavras-chave: produtos agrícolas; circulação; mercados; cidade de Maputo; Moçambique

ABSTRACT

VIANNA, Victória de Castro. **System of Food Supply in the Municipality of Maputo – Production, Distribution and Circulation of Agricultural**. 2019. 50 p. Course Conclusion Monograph – College of Philosophy, Literature and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2019.

The thematic presented in this course conclusion monograph raises the question about the production, distribution and circulation of food is currently taking place in Maputo, capital of Mozambique. This paper deals with the supply, distribution and commercialization of foodstuffs in the popular markets of the mozambican capital, and discussed the dynamics established in the surroundings of these markets and in the agricultural production areas of the green zone of Maputo municipality. In these places are produced foods that will supply the consumer markets of the capital, as well as other cities in Mozambique. In addition to local production, the distribution network is also supplied by products from other municipalities in the province of Maputo, Matola and Boane, and from countries bordering Mozambique, such as South Africa and eSwatini (Swaziland).

Keywords: agricultural products; circulation; markets; Maputo; Mozambique

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Moçambique e limites de províncias	22
Figura 2 – Distritos de Maputo (capital)	33
Figura 3 – Mercados identificados durante trabalho de campo em Maputo (cidade)	44

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Fachada do Mercado Central.	41
Foto 2 – Interior do Mercado Central.	41
Foto 3 – Mercado Mandela I – na baixa da cidade, na avenida Felipe Samuel Magaia.	41
Foto 4 – Mercado Janet, na avenida Vladimir Lenine.	41
Foto 5 – Bancas de frutas, legumes e hortícolas no interior do mercado do Povo.	41
Foto 6 – Parte externa do mercado do Povo.	41
Foto 7 – Mercado do Zimpeto – Carregamento de laranja proveniente da África do Sul – caminhões de grande porte.	42
Foto 8 – Mercado do Zimpeto – Cebola comercializada a atacado (sacos fechados) e varejo (pequenos montes).	42
Foto 9 – Amendoim comercializado no mercado do Xiquelene.	43
Foto 10 – Mercado do Xiquelene.	43
Foto 11 – Entrada do Terminal de Chapas (vans utilizadas para transporte público) localizado ao lado do mercado do Xiquelene.	43
Foto 12 – Terminal de Chapas do Xiquelene.	43
Foto 13 – Mercado do Xipamanine – à direita barracas de venda de carne e animais....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Área, população e densidade demográfica de Moçambique e províncias, 2017	23
Tabela 2 – Moçambique: quantidade da produção de culturas primárias, em toneladas, por província, 2008	28
Tabela 3 – Área produtiva, número de produtores por distrito de Maputo (cidade), 2016	35
Tabela 4 – Número de barracas e bancas dos mercados de Maputo, 2010	37
Tabela 5 – Mercados formais e informais situados em Maputo por distrito municipal, 2010	38
Tabela 6 – Número de mesas e barracas (total e ocupadas) por mercado, 2010	39

LISTA DE SIGLAS

ADECRU	Acção Académica para o Desenvolvimento das Comunidades Rurais
EN	Estrada Nacional
FDD	Fundo de Desenvolvimento Distrital
FRELIMO	Frente da Libertação de Moçambique
INE	Instituto Nacional de Estatísticas
PAPAP	Plano de Accção de Produção Agrária e Pesqueira
PEDSA	Plano Estratégico de Desenvolvimento do Sector Agrário
PERPU	Programa Estratégico para Redução da Pobreza Urbana
PIB	Produto Interno Bruto
PNISA	Plano Nacional de Investimentos do Sector Agrário
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
SIMA	Sistema de Informações de Mercados Agrícolas
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNAC	União Nacional dos Camponeses
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. TERRITÓRIO DE MOÇAMBIQUE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DE SUA FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO E COMPOSIÇÃO ATUAL	17
1.1. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO DE MAPUTO	19
1.2. CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE MOÇAMBIQUE NA ATUALIDADE.....	21
2. PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM MOÇAMBIQUE	25
2.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	25
2.1.1. <i>PRODUÇÃO DE CULTURAS PRIMÁRIAS – CONTEXTO GERAL</i>	27
2.2. PRÁTICAS AGRÍCOLAS, PROGRAMAS E POLÍTICAS PÚBLICAS EM MOÇAMBIQUE	29
3. MAPUTO: DINÂMICA DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ABASTECIMENTO DOS MERCADOS.....	31
3.1. LUGARES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA CAPITAL	34
3.2. LUGARES DE TROCA – COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS	
36	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Essa monografia foi idealizada e elaborada a partir do intercâmbio acadêmico realizado na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), durante o ano letivo de 2014, e posterior retorno à Moçambique em 2015, para coleta de dados e informações. Durante esse período, o contato com docentes moçambicanos ou que tinham Moçambique como seu tema de pesquisa, o estudo de autores e autoras moçambicanas, uma parte desconhecida até então, e a convivência diária com os estudantes da UEM, além dos trabalhos de campo lá realizados, tornaram possível uma imersão na história da formação do país e nas relações estabelecidas naquele território. Apesar do esforço que antecedeu essa etapa da formação acadêmica, as pesquisas por bibliografia, as leituras de relatos de viagem e os diálogos estabelecidos com aqueles que já conheciam o país ou que haviam lá estado, após a chegada em Maputo, mostraram-se insuficientes quando comparadas com a intensidade do que foi vivenciado e dos fenômenos percebidos em Moçambique.

Nesse período, dentre tantos temas e questões que poderiam instigar uma investigação acadêmica mais minuciosa, a identificação e compreensão do fluxo de mercadorias, mais especificamente alguns produtos de origem animal, hortaliças e vegetais, na capital do país despertou especial interesse. Ou seja, com base numa primeira observação de campo, me perguntava como os alimentos chegavam aos habitantes daquela municipalidade e por quais agentes esse processo era intermediado.

Durante minha estada em Maputo, tinha-se como cena comum, durante os deslocamentos diários, o encontro com vendedores e vendedoras de produtos diversos nas ruas da cidade, com seus itens expostos sobre esteiras ou capulanas. Também quase que diariamente era possível acompanhar o abastecimento do mercado do Povo, no centro da cidade, com a chegada do carregamento de frangos, bebidas e outros itens nas primeiras horas de todas as manhãs. Nesse mercado também era observada a prestação de serviços diversos, como bancas de costureiros, pequenas mercearias e venda de bebidas alcoólicas. Para além da experiência na capital de Moçambique, nos deslocamentos que foram realizados até outras cidades e províncias, o modo como os alimentos eram comercializados recorrentemente despertava minha curiosidade, pela informalidade da atividade, quantidade de vendedoras, majoritariamente mulheres, tipo dos alimentos comercializados e os locais onde se podia

verificar esse tipo de atividade, como beiras de rodovia, paragens de autocarros e nos mercados populares.

Desse modo, o objetivo dessa pesquisa consistiu na investigação sobre a conformação da cidade de Maputo, a sua ocupação e os usos das diferentes porções do seu território e, especialmente, a identificação do fluxo de mercadorias agrícolas no tecido urbano e os atores envolvidos nas atividades pertinentes a essa dinâmica.

Para isso, fez-se necessário levantamento bibliográfico, consultando literatura que tivesse como mote a formação territorial de Moçambique, principalmente a porção sul do país, onde se localiza a cidade de Maputo, área de estudo considerada nesta monografia. Além disso, foram consultados planos e programas elaborados pelo poder público moçambicano, tanto em âmbito nacional, como aqueles com ações voltadas a Maputo e seu cinturão verde, com produção destinada ao abastecimento da capital. Além da recolha dessas informações, foram levantados dados em campo (em junho de 2015), sendo realizadas entrevistas com atores chave para compreensão das dinâmicas estabelecidas em torno da produção e distribuição agrícola e de animais de pequeno porte. As entrevistas foram realizadas a partir de roteiro semi-estruturado, com questões abertas (que apresentaram variação de acordo com o entrevistado) centradas na identificação das áreas voltadas à produção agrícola, principais mercados e pontos de distribuição da produção e formas de organização dos produtores situados no cinturão verde de Maputo. Soma-se a isso, inúmeras conversas informais a respeito do tema, realizadas durante as visitas aos mercados situados em Maputo, indicadas no parágrafo subsequente.

Ainda voltado ao levantamento de dados primários, foram também realizadas visitas a oito mercados situados em Maputo: Xiquelene, Zimpeto, do Povo, Xipamanine, Central, Janet, do Peixe e Mandela I. As visitas ao mercado de Xiquelene (Praça dos Combatentes) e do Zimpeto foram realizadas em companhia de representante do Ministério da Agricultura, do Sistema de Informações de Mercados Agrícolas (SIMA). No mercado do Povo, além das visitas semanais ao local durante toda estada em Maputo, informações sobre o funcionamento do mercado foram obtidas com a senhora Amélia Josina, umas das vendedoras com atuação mais antiga no local. Ao Xipamanine, realizou-se visita na companhia da senhora Sofia, que possui banca de almoço no mercado do Povo e realiza as compras dos produtos utilizados no preparo das refeições diariamente no mercado do Xipamanine. Ao mercado Central, Janet, do Peixe e Mandela I, foram realizadas visitas expeditas, com registro fotográfico e verificação dos principais tipos de produtos e serviços comercializados.

Os resultados do trabalho de campo, bem como a revisão bibliográfica e documental, permitiram estruturar minha argumentação sobre a temática em estudo. Assim, esta monografia

está organizada em três capítulos. No **capítulo I**, apresenta-se breve levantamento histórico sobre a formação do território que atualmente corresponde a Moçambique. Para sua elaboração utilizou-se como referência os trabalhos publicados por JESUS NETO (2012; 2016), que se debruçam sobre a formação territorial de Moçambique e suas fronteiras e sobre a circulação de mercadorias no país; por SITOIE (2010), que apresenta análise sobre a produção agrícola no cinturão verde da cidade de Maputo; e por SOUSA (2014; 2016) que discorre sobre a relação entre o espaço urbano e as agriculturas desenvolvidas nas áreas urbanas e periurbanas de Maputo. Além disso, para caracterização geral de Moçambique, fez-se necessária a apresentação de dados demográficos provenientes do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique – INE.

No **capítulo II**, foram apresentadas informações sobre as principais características da produção agrícola de Moçambique, apresentando-se o perfil de cada província do país a partir de dados sobre a produção acumulada no ano de 2008. Para isso, realizou-se pesquisa no trabalho de ROMERO (2013) que versa sobre migração no sul de Moçambique, com ampla caracterização da área e de MOSCA (2017) que apresenta um panorama sobre a agricultura em Moçambique no seu artigo intitulado “Agricultura familiar em Moçambique: ideologias e políticas”. Também foram levantadas informações dos planos e ações previstas pelo governo para esta área temática, como Plano de Accão de Produção Agrária e Pesqueira, Plano Estratégico de Desenvolvimento do Sector Agrário, Programa Estratégico para Redução da Pobreza Urbana e Plano Nacional de Investimentos do Sector Agrário.

Por fim, no **capítulo III**, redigiu-se uma caracterização sobre a ocupação da cidade de Maputo, da sua expansão territorial e da produção agrícola verificada atualmente. Para isso, além das referências já apontadas, foram ainda consultados os trabalhos de FEIJO&AGY (2015), para caracterização do Vale do Infulene e CHICAMISSE (2005), que aborda a organização dos produtores do distrito urbano 5 de Maputo (KaMubukwana) e contribui para a caracterização das redes estabelecidas entre produção e distribuição dos alimentos.

Para categorização dos distritos que compõem Maputo, foi adotada a divisão aplicada por ARAÚJO (2005), que classifica os distritos em urbanos, periurbanos e suburbanos. O autor propõe essa divisão a partir da avaliação de dados relacionados às características dos domicílios, infraestruturas disponíveis e ocupação dos chefes de família, salientando o dinamismo desse fracionamento espacial. Para compreensão da atuação das muqueiristas ¹, consultou-se

¹ Pessoas dedicadas ao mukhero – atividade de comércio transfronteço desenvolvida principalmente por mulheres entre a fronteira de Moçambique e África do Sul.

ROMERO (2013), anteriormente mencionado, que estuda a migração e seus desdobramentos no sul de Moçambique e apresenta caracterização dessa porção do território moçambicano; e BAGNOL (2018), que em palestra proferida, intitulada “Gênero, segurança alimentar e nutricional em Moçambique”, apresenta informações a respeito da produção e circulação de itens alimentícios no país.

Por fim, o conceito de circuitos da economia urbana, superior e inferior, proposto por SANTOS (2004), serviu de inspiração na hora de caracterizar as relações estabelecidas nos espaços geográficos analisados, considerando uma visão (interpretação) da organização do espaço. Esse conceito faz referência a duas realidades diferenciadas, porém que se complementam e co-existem no mesmo espaço tempo. Tal proposta de estudo do espaço urbano, concebida pelo autor na década de 1970, baseia-se nas diferenças do emprego de técnicas pelos lugares e agentes produtivos, considerando diversos níveis aplicados na produção, distribuição, comércio e prestação de serviços. As tecnologias teriam destaque na questão da concentração espacial da produção e consumo, sendo que, associado ao consumo, deve-se considerar a desigualdade de renda que implica diretamente na capacidade de consumo das populações dos países subdesenvolvidos – quantidade e qualidade (SANTOS, 2004; REOLON&SOUZA, 2005). Isso posto, nota-se a força interpretativa desse conceito, uma vez que sua elaboração considerou o contexto econômico, social e político dos anos de 1970, mas apresenta-se como importante meio de análise para situações atuais, como poderiam ser as questões levantadas nesta pesquisa.

1. TERRITÓRIO DE MOÇAMBIQUE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DE SUA FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO E COMPOSIÇÃO ATUAL

A ocupação do que atualmente se denomina África Austral remonta a, aproximadamente, 10.000 anos, sendo os Khoisans, caracterizados como povo nômade constituído por caçadores-coletores e pastores, o primeiro grupo a ocupar a região (SITOE, 2010). JESUS NETO (2012) indica que esse grupo possivelmente foi o primeiro a viver no território que atualmente corresponde à Moçambique, situando-se em cavernas, não chegando a construir casas para fixação da morada. Além de Moçambique, ocuparam também os atuais limites territoriais da África do Sul, Namíbia e Botswana. Com a chegada dos hotentotes na área, grupo criador de gado, os Khoisans então deslocaram-se para a região do Deserto do Kalahari (JESUS NETO, 2012).

Mais tarde, já entre os séculos I e IV, o grupo da matriz linguística Bantu, avançou para o sul do continente africano, partindo do atual território do Congo para a África Austral (SITOE, 2010). Esse processo migratório ocorreu de forma progressiva, ou seja, em etapas, configurando-se por deslocamentos de pequenos grupos ao longo do tempo e teve como motivação o aumento do seu contingente populacional e a falta de terras para produção agrícola que atendesse a demanda nutricional da população, como apontado por JESUS NETO (2012, p. 19).

Os Bantus, além de agricultores e pastores, possuíam o conhecimento da metalurgia do ferro (SITOE, 2010). Essas duas características, a questão da prática da agricultura, associada aos conhecimentos de metalurgia são pontos caros à compreensão da sedentarização dos Bantus na região. JESUS NETO (2012) ainda indica que, apesar de poucas evidências e registros históricos que se refiram ao período de encontro dos dois grupos aqui tratados, Bantus e hotentotes, há indícios que apontam para a ocorrência de conflitos entre os grupos, devido à disputa pelo território, bem como de incorporação dos grupos, que então habitavam o local, pelos Bantus.

Por volta do século X, com o estabelecimento dos Bantus, nos atuais territórios do Zimbabwe e África do Sul, por meio da formação dos primeiros Estados da África Austral, relações comerciais começaram a ser estabelecidas com grupos árabes, assim como a consolidação de rotas de produtos comercializados, como ouro, marfim e instrumentos de metal. A disputa pelo controle das rotas comerciais culminou na fragmentação dos Estados formados, desse modo, outros Impérios foram criados e passaram a estabelecer relações comerciais com mercadores árabes que se fixaram na costa do Oceano Índico.

distPor volta do século XVI, comerciantes portugueses também se fixaram nos atuais limites costeiros de Moçambique. Segundo Romero (2013), os portugueses se estabeleceram primeiramente em Inhambane, estabelecendo e controlando relações comerciais a partir dali. Nas palavras do autor,

[...] los portugueses se establecieron desde un principio en Inhambane haciendo de su bahía y alrededores un distrito en el que mantenían el control y establecían relaciones comerciales desde su llegada en el siglo XVI. Continuó siendo un puerto importante en el sur y mantuvo un dominio sobre el territorio en que se había asentado ganando el respeto de los reyes de Gaza y estableciendo pactos comerciales con los mismos. (ROMERO, 2013, p. 46)²

Desse modo, a ocupação portuguesa, primeiramente estabelecida via relações comerciais, efetivou-se como regime colonial a partir do final do século XIX, na altura da Conferência de Berlim, em 1885 (SITOE, 2010; SOUSA, 2014). De acordo com Romero (2013), nessa altura, Portugal teve que diminuir seus interesses na região no rio Congo, surgindo a necessidade de ocupação das terras do interior de Moçambique, sendo estabelecidos assim os limites fronteiriços coincidentes com os interesses colonais da época. Segundo o autor, no início do século XX,

[...] el sur de Mozambique se encontraba bajo administración directa del Estado portugués. El papel que pasó a jugar la metrópoli es el de la destrucción de la unidad política de los antiguos estados y su heterogeneidad implantando nuevas estructuras políticas y leyes en los territorios ahora dominados. De esta forma se dividió el territorio en distritos y circunscripciones (Florencio 2005:46). (ROMERO, 2013, p. 48)³

Nesse período, a Coroa portuguesa destinou terras aos colonos portugueses que migraram para Moçambique, sendo que esses colonos estabeleceram essas áreas como companhias comerciais e agrícolas, como indicado por Mungói (2008, p. 84).

² [...] os portugueses instalaram-se em Inhambane desde o início, tornando a sua baía e arredores um distrito no qual eles mantiveram o controle e estabeleceram relações comerciais desde a sua chegada no século XVI. Continuou sendo um importante porto no sul e manteve um domínio sobre o território em que se instalara ganhando o respeito dos reis de Gaza e estabelecendo pactos comerciais com os mesmos [...] (ROMERO, 2013, p. 46, tradução nossa)

³ [...] O sul de Moçambique estava sob a administração direta do Estado Português. O papel desempenhado pela metrópole é o da destruição da unidade política dos antigos estados e sua heterogeneidade, implantando novas estruturas políticas e leis nos territórios agora dominados. Desta forma, o território foi dividido em distritos e círculos eleitorais (zonas eleitorais) (Florencio 2005:46) [...] (ROMERO, 2013, p. 48, tradução nossa).

1.1. O processo de ocupação da região de Maputo

O regime colonial português estabeleceu a prática do trabalho forçado em algumas regiões do país nas plantações de culturas como algodão, cana-de-açúcar e chá. O trabalho forçado se expressava, por exemplo, na cobrança do imposto de palhota⁴. Essa produção era então exportada para metrópole portuguesa e, mais tarde, passou a ser beneficiada em Moçambique, após a instalação de fábricas de processamento em território moçambicano (SITOE, 2010:31).

O processo de ocupação de Maputo pelos colonos portugueses teve início no final do século XIX e o sul de Moçambique configurou-se como centro administrativo da então colônia e reserva de trabalhadores para as demandas provenientes da atividade de mineração na África do Sul. Segundo Sousa (2014:90),

O crescimento populacional da cidade decorreu dessa situação política, pela migração interna para satisfazer aquela procura de oferta de trabalho, mas também devido ao aumento da população colona e não natural. O que, por seu turno, gerou um crescimento das necessidades alimentares de produtos não produzidos tradicionalmente pelos agricultores e agricultoras nativos. Assim, toma lugar a produção no Vale do Infulene, na zona periurbana, para satisfazer a essa procura de alimentos para consumo na cidade (Mosca, 1996).

Nesse sentido, a ocupação das zonas verdes de Maputo, que inclui o referido Vale de Infulene, pelos colonos portugueses ocorreu gradualmente por volta da década de 1950 e visava à produção de hortaliças e à criação de animais de pequeno porte, focando o abastecimento da capital de Moçambique. Essas zonas referem-se às porções baixas dos distritos municipais que compõem Maputo e parte do município de Matola (SITOE, 2010). O Vale do Infulene se constitui a partir da ramificação do rio Incomáti, já próximo à sua foz na baía de Maputo, onde se verifica a formação do riacho Mulauza, que intercepta diversos bairros periféricos em Maputo e Matola, possuindo cerca de 15km de extensão, como descrito por Feijó e Agy (2015: 278).

De acordo com Feijó e Agy (2015), nos anos 1960 o Vale do Infulene já possuía papel relevante no que diz respeito à produção agro-pecuária, segundo os autores:

A Zona Verde desempenha um papel importante na produção e no abastecimento de hortícolas às cidades de Maputo e Matola. Na década de 1960, o vale do Infulene constituía

⁴ Denominação de tipo de habitação construída com palha e barro.

já um importante local de produção agro-pecuária. No período pós-independência, os terrenos foram parcelados em áreas de 25 por 25 metros ao longo do vale do Infulene, sendo constituídas diversas cooperativas de produção. (FEIJÓ; AGY, 2015: 279)

A configuração da ocupação das referidas zonas foi completamente transformada com a independência de Moçambique, em 1975. Os colonos portugueses foram expulsos do país e as propriedades, antes por eles administradas, a partir de então, passaram para a administração moçambicana, com a extinção dos trabalhos forçados e reorganização dos modos de produção (SITOE, 2010).

A instabilidade político-econômica do período pós-independência e, poucos anos mais tarde, a guerra de desestabilização, além de uma grande seca que atingiu a África austral, nos anos de 1980, ocasionaram um grande déficit na produção de alimentos. O cenário de insegurança das zonas rurais do país contribuiu para o aumento do fluxo migratório em direção aos centros urbanos e suas zonas periféricas (SITOE, 2010). Segundo Baia (2009, p. 14), “as interações espaciais de grande dimensão entre a cidade e o campo ocorreram nas cidades-capitais provinciais” que receberam a população rural, considerando o contexto de insegurança da época. Feijó e Agy (2015: 281) apontam para a conformação de uma série de redes migratórias que permitiram o prosseguimento dos movimentos diaspóricos provenientes das zonas rurais, acrescentam ainda que, considerando esse contexto as cidades de Maputo e Matola apresentaram um intenso crescimento populacional notado nos últimos 25 anos do século XX (FEIJÓ & AGY, 2015)

De acordo com Araújo, as famílias rurais instalaram-se então nas zonas urbanas, buscando associar-se a parentes que já se encontravam alocados nessas áreas, ocupando, assim, bairros mais periféricos dos municípios. Essas famílias mantiveram características provenientes do ambiente rural, como a prática da agricultura de subsistência nas machambas⁵ (ARAÚJO, 2005).

Nesse cenário, a ocupação das zonas verdes de Maputo foi intensificada e contou com o incentivo do Estado que visava dinamizar a produção agrícola da região por meio de programas governamentais que facilitavam o acesso dos produtores locais a máquinas e insumos agrícolas. Esse contexto de intervenções no setor agrícola viria a sofrer alterações no final da década de 1980, a partir de alterações nas políticas de intervenção do Estado na economia e abertura do mercado (SITOE, 2010:19).

⁵ Pode-se utilizar machamba como denominação para roçado, ou seja, área destinada à prática agrícola.

Destaca-se que em 1986, as divisões territoriais das cidades moçambicanas foram alteradas, incluindo a cidade de Maputo, sendo anexadas áreas rurais contíguas ao perímetro urbano, como uma política que visava dar fim a entraves entre as áreas agrícolas e os mercados da cidade e a criação de novos espaços para a expansão territorial da área urbana da capital moçambicana (ARAÚJO, 2005; SOUSA, 2016). De maneira abrupta, populações situadas em áreas rurais passaram a integrar a área urbana da cidade, sem que para isso os usos dos espaços praticados pelas famílias tivessem sido alterados, ou seja, as periferias das cidades moçambicanas passaram a se constituir como áreas de transição entre a ocupação característica do meio rural, dispersa, e a ocupação dos núcleos centrais das cidades, mais concentrada (BAIA, 2009).

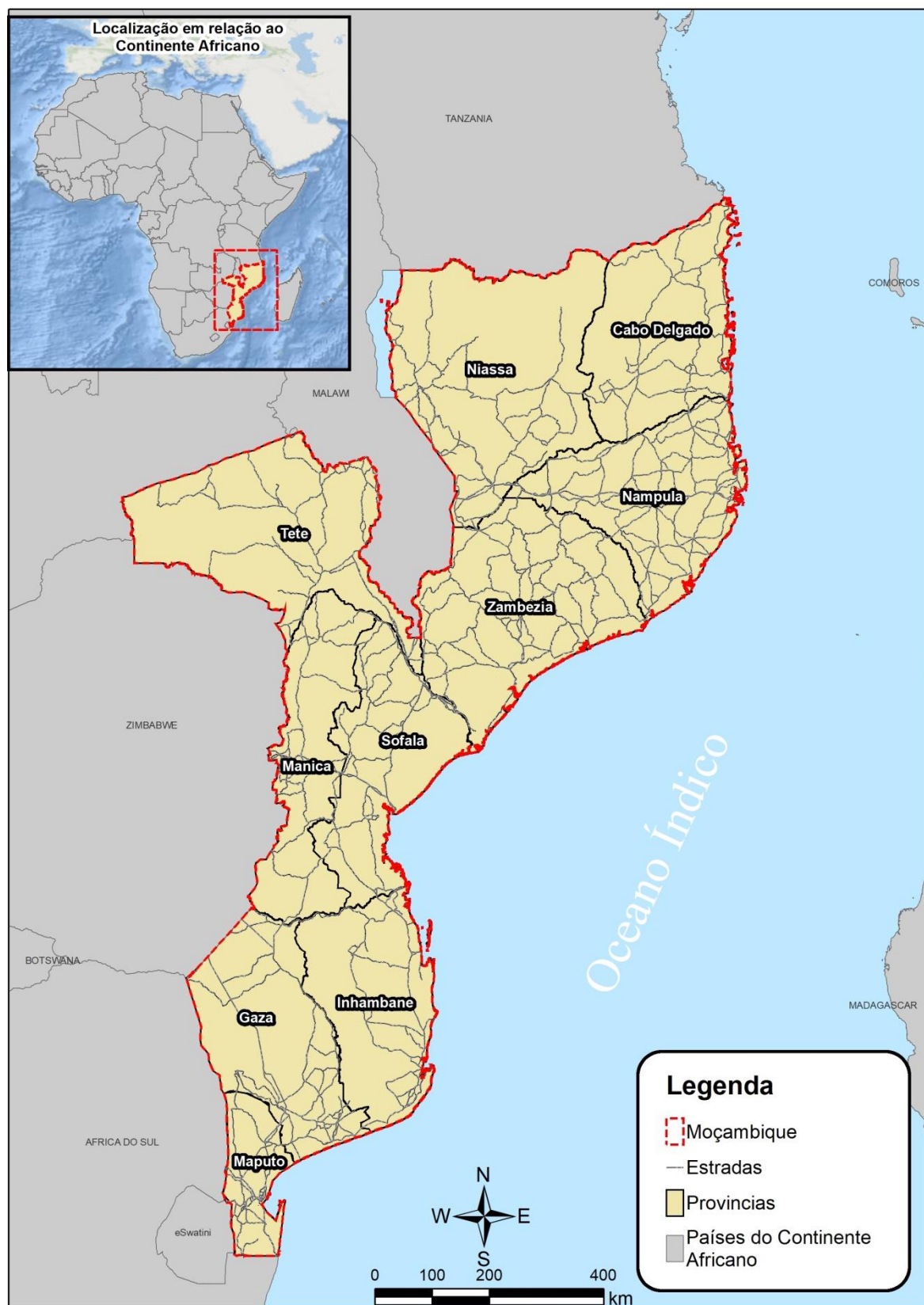
1.2. Configuração territorial de Moçambique na atualidade

Moçambique ocupa a porção sudoeste do continente africano, sendo limitado pelo Oceano Índico, a leste, com 2.400 km de faixa costeira⁶. Faz fronteira com seis países, a saber, Tanzânia, ao norte, Malawi, Zâmbia, Zimbabué, eSwatini⁷, a oeste, e África do Sul, ao sul (Figura 1). Devido a sua localização costeira e pelo fato de ser fronteiro a países sem saída para o mar, cidades como Maputo, Beira e Nacala se constituíram historicamente como portos de escoamento das nações vizinhas à Moçambique, fato que trará implicações à história do país e às relações diplomáticas estabelecidas com os países da região, como apontado por ROMERO (2013, p. 37).

⁶ Fonte: Instituto Nacional de Estatística - Estatísticas e Indicadores Sociais, 2013-2014 – Moçambique. Disponível em <<http://www.ine.gov.mz/estatisticas/estatisticas-demograficas-e-indicadores-sociais/estatisticas-e-indicadores-sociais>> Acesso em março de 2019.

⁷ Até abril de 2018 o país denominava-se Suazilândia (Suaziland, em inglês), tendo sua denominação alterada para eSwatini (Eswatini, em inglês).

Figura 1 – Localização de Moçambique e limites de províncias



Elaboração: Tatiane Brasil de Freitas, 2018. Fonte: Cenacarta, 2018.

Atualmente, o território de Moçambique é dividido em onze províncias (Figura 1) e a população total do país é de 28.861.863 de habitantes, distribuídos majoritariamente em zonas rurais (cerca de 65% da população situa-se em zona rural, de acordo com Instituto Nacional de Estatística de Moçambique).

As províncias de Nampula e Zambézia, ambas limitadas a leste pelo Oceano Índico, situadas no norte e centro do país, respectivamente, são as duas com maior expressão populacional em Moçambique (Tabela 1). Na província de Nampula, com capital do mesmo nome, limitada a norte pelas províncias de Niassa e Cabo Delgado, tendo como divisor natural o rio Lúrio, e a sul com a província de Zambézia, separado pelo rio Ligonha, vivem cerca de 21% da população moçambicana, ou seja, 6.102.867 de habitantes (INE, 2017).

Tabela 1 – Área, população e densidade demográfica de Moçambique e províncias, 2017

Província	Área (km²)	População		Densidade (Pop/Km²)
Niassa	129.056	1.865.976	6,47%	14,5
Cabo Delgado	82.625	2.333.278	8,08%	28,2
Nampula	81.606	6.102.867	21,15%	74,8
Zambézia	105.008	5.110.787	17,71%	48,7
Tete	100.724	2.764.169	9,58%	27,4
Manica	61.661	1.911.237	6,62%	31,0
Sofala	68.018	2.221.803	7,70%	32,7
Inhambane	68.615	1.496.824	5,19%	21,8
Gaza	75.709	1.446.654	5,01%	19,1
Maputo Província	26.058	2.507.098	8,69%	96,2
Maputo Cidade	300	1.101.170	3,82%	3.670,6
Total	799.380	28.861.863	100%	36,1

Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE), IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017.
Elaboração: Própria autora, 2019.

Na província da Zambézia, cuja capital é Quelimane, concentram-se cerca de 18% da população total do país (5.110.787 de habitantes, INE, 2017). A Zambézia tem como limite as províncias de Nampula, como já mencionado, e Niassa a norte, Sofala a sul e Tete a oeste, além

do Malawi – nota-se que o sul do país é envolvido pelo território moçambicano, além da província da Zambézia, Tete e Niassa também fazem fronteira com Malawi.

Já as províncias de Maputo (cuja capital é a cidade de Matola) e Maputo Cidade (administrativamente uma cidade com estatuto de província) são as que apresentam as maiores densidades demográficas, sendo que a cidade de Maputo (capital e maior cidade de Moçambique com concentração de serviços diversos e atividades econômicas) possui índice de 3.670,6 hab/km², muito superior à média nacional.

2. PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM MOÇAMBIQUE

2.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O território de Moçambique apresenta características físico-geográficas bastante diversas quando comparadas as regiões que o compõem. Nota-se que a ocupação e uso do solo, bem como as culturas cultivadas são variadas entre as províncias moçambicanas de norte a sul. Destacam-se alguns fatores gerais da composição do território, como a distância com a faixa litorânea e a composição da rede hidrográfica que percorre Moçambique, sendo a concentração dos corpos hídricos na metade sul do território, com importantes rios desaguardando nessa porção do país. Assim, pretende-se indicar a variedade de recursos naturais a que as populações têm acesso e, em maior ou menor medida, fazem uso (ROMERO, 2013).

Além disso, faz-se necessário mencionar que, além da agricultura, a produção dos setores secundário e terciário existentes no meio urbano, considerando os recursos disponíveis nas cidades, não devem ser analisados de forma dissociada. As zonas urbanas de Moçambique continuam a receber fluxos populacionais de habitantes provenientes das zonas rurais para as grandes cidades moçambicanas (nos capítulos subsequentes isso será retomado considerando o contexto de ocupação da região da capital Maputo). A população estabelecida nas zonas urbanas e em sua maioria inseridas na economia informal, ainda permanece em contato com a produção agrícola das zonas rurais, seja para seu consumo ou venda. Romero afirma que

[...] las ciudades, recientemente pobladas por población negra, no se libran del influjo rural de sus habitantes, que vinieron del campo a la ciudad en busca de un trabajo asalariado que difícilmente encuentran. [...] La mayor parte de la población se establece en casas de chapa o construidas tradicionalmente con madera y cañizo en los alrededores de la ciudad de cemento. Los servicios de las ciudades quedan desbordados por este crecimiento desordenado que tampoco absorbe su limitada capacidad de proporcionar trabajo. Así, la mayoría de los ciudadanos se sustenta a través de la economía informal y del continuo contacto con el campo que le abastece de productos alimenticios que vende y/o consume, como nos apunta Ana María Loforte al hablarnos de la producción en el barrio de Laulane (Maputo) (Loforte 2000: 9). En muchos casos, dentro de la propia ciudad se producen bienes agrícolas aprovechando pequeños espacios. Y no es extraña la cría de ganado caprino, gallinas o patos [...]. (ROMERO, 2013, p. 89)⁸

⁸ [...] As cidades, povoadas recentemente por população negra, não se livram do fluxo rural de seus habitantes, que vieram do campo para a cidade em busca de um emprego assalariado que dificilmente encontram. [...] A maior parte da população se estabeleceu em casas de metal ou tradicionalmente construída com madeira e cana nos arredores da cidade de cimento. Os serviços das cidades ficam sobrecarregados por esse crescimento desordenado que não absorve sua capacidade limitada de fornecer trabalho. Assim, a maioria dos cidadãos é sustentada através da economia informal e do contato contínuo com o campo

Segundo Mosca (2017), a crescente urbanização, com diferentes motivações, tem causado o êxodo em variadas dimensões ao longo de todo o território do país, o que não foi acompanhado por transformações estruturais que tornassem possível a expansão da produção e produtividade necessárias ao adequado atendimento das demandas por alimentos verificadas nas cidades. Para Mosca

Não só não houve mudanças estruturais na agricultura, como não houve um processo de industrialização que gerasse emprego para absorção do aumento demográfico. Em consequência, desenvolve-se uma economia informal, primeiro nas cidades e depois no campo. (MOSCA, 2017, p. 70)

Mosca ainda afirma que políticas que favoreçam o setor agrícola não tem sido prioridade ou não tem sido opção de governos africanos, contribuindo para um quadro de insegurança alimentar e vulnerabilidades dos países e populações com rendimentos mais baixos. O autor aponta a ocorrência de algumas iniciativas⁹ com propostas de incentivo da produção agrícola em África, porém não voltadas às características dos produtores locais (pequenos produtores agrícolas).

Segundo Mosca (2017), apesar do aumento da produção e produtividade serem indicados como necessários para a otimização do papel da agricultura, essa não é uma temática presente nos discursos e medidas que poderiam contribuir efetivamente para o desenvolvimento da área. Algumas tendências no setor agrícola em Moçambique foram identificadas pelo autor, que compara censos agropecuários ocorridos no período entre os anos 2000 e 2010, como: não crescimento da produtividade de algumas culturas como amendoim, arroz, mapira (aumento da produtividade verificado somente na cultura de milho, Uaiene, 2012, *apud* Mosca, 2017, p. 87); menor acesso a recursos e serviços; diminuição da escolaridade dos chefes de exploração (majoritariamente homens); aumento do número de mulheres chefiando explorações.

Mosca também identifica que entre 2000 e 2010 o tipo de explorações agrícolas que apresentou maior crescimento proporcional foi aquele cujo tamanho encontrava-se entre 2 e 5 hectares, com aumento de 117%¹⁰ no número de explorações (MOSCA, 2017, p. 82).

que fornece produtos alimentares que eles vendem e/ou consomem, como Ana María Loforte aponta ao falar sobre a produção no bairro de Laulane (Maputo) (Loforte 2000: 9). Em muitos casos, dentro da própria cidade, os produtos agrícolas são produzidos aproveitando-se de pequenos espaços. E não é estranha a criação de cabras, galinhas ou patos [...] (ROMERO, 2013, p. 89, tradução nossa)

⁹ New Economic Partnership for Africa's Development (NEPAD), Revolução Verde Africana (RVA), Nova Aliança para a Segurança Alimentar e Nutrição, e o Programa Compreensivo para o Desenvolvimento Agrícola em África (CAADP), entre outros citados por Mosca (2017, p. 70).

¹⁰ Correspondente a 500.582 explorações.

Ainda sobre as características da agricultura praticada no país, em relação ao que Romero (2013) aponta como de subsistência, a mecanização não é verificada em todo o território nacional; segundo o autor, o arado, instrumento utilizado para a lavra do solo, no sul de Moçambique é mais uma exceção do que objeto comum à prática agrícola. Romero aponta que a

La agricultura de subsistencia en todo el país no está mecanizada y el arado constituye en el sur una excepción más que una norma. El machete para desbrozar y, sobre todo, la azada para el trabajo de la tierra son las herramientas de esta agricultura tradicional. La azada puede variar según el tipo de suelo, utilizándose un mango más largo en los suelos más pesados y fértiles de los valles que en los arenosos de los altiplanos. (ROMERO, 2013, p. 94)¹¹

2.1.1. PRODUÇÃO DE CULTURAS PRIMÁRIAS – CONTEXTO GERAL

Em relação à produção de culturas primárias, na Tabela 2 são apresentados dados sobre a produção por província moçambicana referente ao acumulado do ano de 2008 (expressos em toneladas). Observa-se que as províncias da Zambézia e Nampula se destacam na quantidade de toneladas produzidas quando comparado com a produção total de Moçambique. De um total de 6.447.598 t., 2.333.672 t. foram produzidas na Zambézia, o equivalente a 36,19% do total, enquanto que 1.106.137 t. foram produzidas em Nampula, correspondente a 17,16% da produção total do país naquele ano.

Na província da Zambézia, destacam-se as culturas de mandioca (1.814.140 t), milho (209.100 t) e batata doce (68.890 t). Em Nampula, além da mandioca (896.700 t) e do milho (100.600 t) a produção de amendoim também possui destaque. Em 2008 foram produzidas 39.860 t, a maior produção do item do país (na província de Tete a produção de amendoim também foi relevante no período analisado, correspondente a 17.370 t.). Na província de Sofala, os destaques da produção foram para mapira e mexoeira, com 31.700 t. e 4.000 t. acumuladas no ano de 2008, respectivamente.

¹¹ A agricultura de subsistência em todo o país não é mecanizada e o arado constitui no sul uma exceção e não uma norma. O facão para limpar e, acima de tudo, a enxada para o trabalho da terra são as ferramentas desta agricultura tradicional. A enxada pode variar de acordo com o tipo de solo, usando um cabo mais longo nos solos mais pesados e férteis dos vales do que nos planaltos arenosos [...] (ROMERO, 2013, p. 94, tradução nossa)

Tabela 2 – Moçambique: quantidade da produção de culturas primárias, em toneladas, por província, 2008

Província	Cultura											Total
	Amendoim	Arroz	Batata doce	Feijão*	Gergelim	Girassol	Mandioca	Mapira**	Mexoeira***	Milho	Tabaco	
Niassa	3.940	4.400	51.310	36.300	1.135	201	427.620	13.100	400	170.100	14.710	723.216
Cabo Delgado	10.190	6.700	6.450	13.900	5.494	28	313.660	16.800	2.800	76.100	---	452.122
Nampula	39.860	12.200	1.760	24.800	14.117	6	896.700	15.200	800	100.600	94	1.106.137
Zambezia	13.170	41.400	168.890	62.800	983	500	1.814.140	17.400	---	209.100	5.289	2.333.672
Tete	17.370	400	106.440	27.400	3.465	644	30.270	13.600	2.800	238.900	24.916	466.205
Manica	3.230	800	46.480	8.400	3.011	1.895	103.540	15.400	2.400	187.100	253	372.509
Sofala	3.150	18.700	91.500	3.600	12.489	4	153.200	31.700	4.000	105.100	22	423.465
Inhambane	7.140	900	4.530	5.000	2	2	167.520	2.300	200	36.900	---	224.494
Gaza	2.380	2.400	49.690	7.400	---	1	105.410	800	1.300	63.800	---	233.181
Maputo	2.090	---	39.000	1.500	---	---	42.530	---	---	26.500	977	112.597
Total	102.520	87.900	566.050	191.100	40.696	3.281	4.054.590	126.300	14.700	1.214.200	46.261	6.447.598

*tipo manteiga, tipo nhemba e outros; **sorgo; *** tipo de cereal

Fonte: CountrySTAT Moçambique¹². Elaboração: Própria autora, 2019.

¹² Disponível em < <http://193.43.36.162/home.aspx?c=MOZ&tr=21> > Acesso em junho de 2019.

2.2. PRÁTICAS AGRÍCOLAS, PROGRAMAS E POLÍTICAS PÚBLICAS EM MOÇAMBIQUE

Com vistas ao aumento da produtividade do cinturão verde de Maputo, o Governo da Cidade de Maputo, por meio do Plano de Accção de Produção Agrária e Pesqueira (PAPAP), apresentou propostas de investimentos em melhorias técnicas, como ampliação dos sistemas de rega, a partir da utilização de recursos provenientes do Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD) e Programa Estratégico para Redução da Pobreza Urbana (PERPU). Dados do Conselho Municipal de Maputo indicam que, em 2015, dos projetos de geração de rendimentos que receberam financiamento do fundo do PERPU aproximadamente 5% (21 projetos do total de 457) referiam-se ao setor de atividade da agricultura (CMM, 2016).

Investimentos voltados ao setor da agricultura também são mencionados em planos governamentais de escala nacional, como o Programa Quinquenal do Governo (PQG) moçambicano, que estipula ações e metas para o período 2015-2019. As ações do PQG são apresentadas a partir de cinco prioridades, a saber: a) Consolidar a Unidade Nacional, a Paz e a Soberania; b) Desenvolver o Capital Humano e Social; c) Promover o Emprego, a Produtividade e a Competitividade; d) Desenvolver Infraestruturas Económicas e Sociais; e e) Assegurar a Gestão Sustentável e Transparente dos Recursos Naturais e do Ambiente.

Dos eixos prioritários supracitados com menções diretas à produção e comercialização de produtos agrícolas, destacam-se as ações relacionadas à prioridade “c) Promover o Emprego, a Produtividade e a Competitividade”, com ênfase no objetivo estratégico (i) que visa “aumentar a produção e produtividade em todos os sectores com ênfase na agricultura”. Ressalta-se ainda o eixo prioritário “d) Desenvolver Infraestruturas Económicas e Sociais”, objetivo estratégico (viii) “expandir e modernizar as infraestruturas pesqueiras, ferroportuárias, aeroportuárias, de comunicações e de logística”. As ações mencionadas nesse eixo preconizam melhorias na capacidade de armazenamento de produtos agrícolas e implantação de centros logísticos agroalimentares em Maputo, Beira e Nampula – indicados como principais corredores de desenvolvimento do país (República de Moçambique, 2015).

Outro instrumento que prevê ações na área é o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Setor Agrário (PDESA) – 2011-2020, publicado pelo Ministério da Agricultura em 2011, sendo sua elaboração realizada considerando ferramentas participativas. No PEDSA, é apresentado panorama da produção agrícola nacional, com ênfase na relevância da implantação

de ações de melhoria do setor, com indicação de aumento da produção agrícola (produtos alimentares básicos), a partir da expansão das áreas cultivadas e aumento do rendimento (ton/ha), sendo mencionada perspectiva de aumento de 25% das áreas agrícolas do país até 2020. A implementação desse plano tem correlação com os programas de investimentos e plano econômicos sociais do governo moçambicano.

3. MAPUTO: DINÂMICA DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E ABASTECIMENTO DOS MERCADOS

Na década de 1980, as divisões territoriais das cidades moçambicanas foram alteradas, conforme explicamos no capítulo 1. Araújo (2005) apresenta a terminologia de bairros periurbanos para melhor compreensão dessa nova configuração espacial urbana.

Além dos bairros periurbanos, Araújo (2005) descreve ainda outras duas divisões espaciais para a análise da formação territorial de Maputo: os bairros urbanos e os suburbanos. O autor propõe essa divisão a partir da avaliação de dados relacionados às características dos domicílios, infraestruturas disponíveis e ocupação dos chefes de família, salientando o dinamismo desse fracionamento espacial.

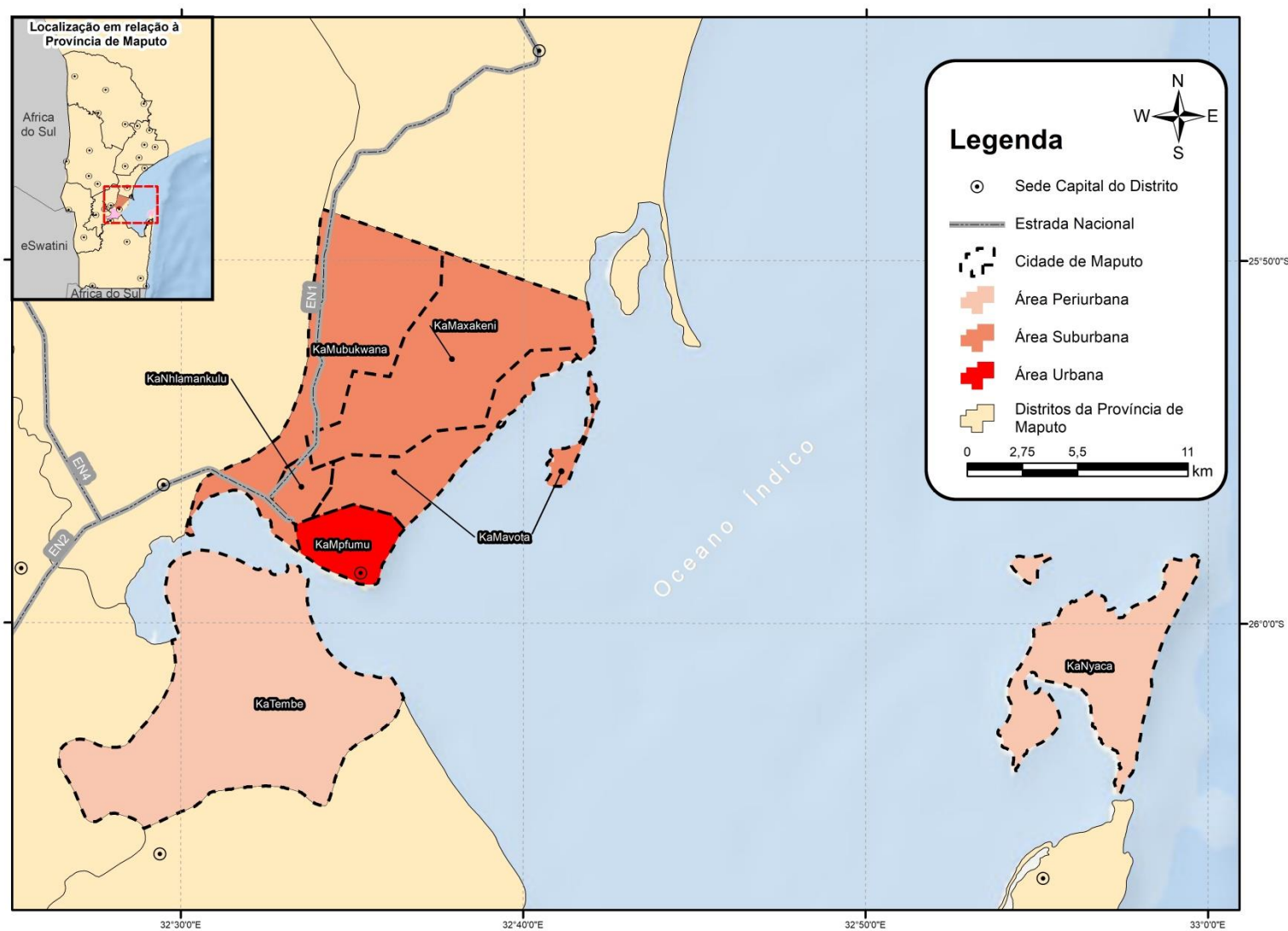
Os bairros situados na área urbana, referida como “cidade de cimento” durante o regime colonial, concentram infraestrutura, serviços e habitações de alvenaria construídas em altura. As características dos bairros suburbanos, outrora denominados como parte da “cidade de caniço” (em referência ao material de origem vegetal predominantemente utilizado para a construção dos domicílios), remetem a altos índices de ocupação, sem infraestrutura planejada. Apesar da referência ao termo “caniço” (palhota), proveniente do período colonial, atualmente as construções existentes nesses bairros são constituídas majoritariamente de material permanente, denotando a transição do modelo habitacional sofrida nas últimas décadas em Maputo, considerando entre os fatores causais, o fato das localidades urbanas expandirem-se em direção aos bairros suburbanos (ARAÚJO, 2005).

Em relação aos bairros periurbanos, contíguos aos suburbanos, Araújo (2005) destaca que possuem menor densidade populacional quando comparado com outras localidades de Maputo que a atividade agrícola é desenvolvida em praticamente todos os bairros. Segundo Araújo, nesses locais há, simultaneamente, a presença de domicílios típicos das zonas rurais (palhotas) e o surgimento de novos tipos residenciais, com moradias amplas e terrenos murados, de moradores que até então ocupavam os bairros urbanos de Maputo, ou seja, indicando um deslocamento de um grupo socioeconômico para os bairros periurbanos (ARAÚJO, 2005) e possível pressão imobiliária.

A cidade de Maputo (Figura 2) é composta por sete distritos classificados, conforme indicado por Araújo (2005:1180) e descrito acima, entre distritos urbanos, suburbanos e periurbanos. Observa-se que a base cartográfica utilizada para elaboração da Figura 2, proveniente do Centro Nacional de Cartografia e Teledecação de Moçambique (Cenacarta), 2018, apresentava delimitação dos distritos de Maputo, não sendo possível, a partir das fontes

utilizadas, indicar o detalhamento das categorias apresentadas no trabalho de Araújo (2005) desagregada por bairros. Faz-se essa observação, principalmente em relação aos Distritos Urbanos 4 (KaMavota) e 5 (KaMubukwana) que, conforme indicador por Araújo (2005), constituem-se majoritariamente em área suburbana, mas possuem alguns bairros, no extremo norte de Maputo, classificados como periurbanos. Para o presente estudo os distritos mencionados foram classificados em sua totalidade como suburbanos.

Figura 2 – Distritos de Maputo (capital)



Elaboração: Tatiane Brasil de Freitas, 2018. Fonte: Cenacarta, 2018; ARAÚJO, 2005.

3.1. LUGARES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA CAPITAL

A adoção de políticas voltadas à liberalização da economia e diminuição da atuação do Estado, principalmente no setor da agricultura, acarretou em prejuízos à produção local. Desse modo verificou-se que os pequenos produtores da região passaram a adotar estratégias para diversificação de suas atividades produtivas, ou seja, diversificação da renda, com o intuito de garantir o desenvolvimento de suas atividades na machamba, assim como necessidades de consumo que passaram a não ser mais supridas com o trabalho do trato agrícola (SITOE, 2010:20).

Atualmente a produção das zonas verdes de Maputo se concentra em hortícolas (hortaliças), como alface, couve e repolho, e pequena produção de animais de pequeno porte, como aves (frangos). Dados do Plano de Accão de Produção Agrária e Pesqueira (PAPAP), 2017, publicado pelo Governo da Cidade de Maputo, indicam uma produção média (últimos 10 anos) de 75.000 toneladas de hortícolas e 1.100 toneladas de frangos por ano, sendo que na cidade de Maputo são estimados 1.300 hectares de terras aráveis, distribuídos nas zonas estratégicas compostas pelos Distritos Urbanos de KaMubukwana, KaNyaca, KaTembe e KaMavota (este também inclui o distrito KaMaxaqueni). O PAPAP também aponta que aproximadamente 75% da produção local de hortícolas são comercializadas na cidade e província de Maputo e o restante, 25%, na Suazilândia (eSwatini) e África do Sul. O potencial de produção de hortícolas é de 200.000 toneladas/ano e a necessidade de consumo, em Maputo, é de aproximadamente 366.000 toneladas/ano (Governo da Cidade de Maputo, 2016) para atender 1.101.170 habitantes (dados preliminares do IV Recenseamento Geral da População e Habitação, Instituto Nacional de Estatística de Moçambique – INE, 2017).

Na Tabela 3 apresenta-se a distribuição das áreas produtoras de hortícolas por Distrito Urbano, relacionando a área total dos distritos, obtida em ambiente de Sistema de Informação Geográfica (SIG), com as áreas cultivadas indicadas no PAPAP (2017)¹³. Aponta-se ainda a classificação da zona onde o distrito está inserido, de acordo com Araújo (2005), sendo verificada que as maiores áreas destinadas à produção agrícola situam-se nos Distritos Urbanos de KaMavota e KaMubukwana (porção suburbana).

¹³ O PAPAP apresenta as informações do distrito KaMavota associada com o distrito de KaMaxaqueni, desse modo os quantitativos estão apresentados unificados.

Tabela 3 – Área produtiva, número de produtores por distrito de Maputo (cidade), 2016

Distrito	Tipo da Área	Área Total (ha)	Área Arável (ha)	Área Prod. (ha)		Nº de Produtores
				(ha)	% Área Total	
KaMaxakeni	Suburbana	6.956	9.739	816	2.975	31%
KaMavota	Suburbana	2.783				
KaMubukwana	Suburbana	5.873	422	1.692	29%	2.904
KaNhlamankulu	Suburbana	660	-	-	-	-
KaMpfumu	Urbana	1.432	-	-	-	-
KaNyaca	Periurbana	4.778	9	467	10%	644
KaTembe	Periurbana	12.194	53	970	8%	2.165
Total		34.677	1300	6.104	18%	14.508

Elaboração: Própria autora. Adaptado de: Governo da Cidade de Maputo, 2016; Araújo, 2005.

As análises apresentadas no PEDSA (2011), em esfera nacional, consideram pequenas explorações aquelas com menos de 25 ha de área, sendo menos de 10 ha de área cultivada de culturas permanentes e menos de 5 ha ocupados com cultivos irrigados. Denomina-se média exploração aquela com área total acima de 25 ha e grande exploração aquela com mais 100 ha, numa análise mais abrangente da estrutura do setor agrário em Moçambique (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2011). O que se verifica no Vale do Infulene, é o predomínio de pequenas unidades produtivas que apresentam uma área média de 3 ha, com as famílias produtoras podendo organizar-se em associações/cooperativas agrícolas, sendo a produção dessas zonas majoritariamente realizada por mulheres (CHICAMISSE, 2005).

Em relação às atividades do trato agrícola, Romero (2013, p. 97), assim como sinalizado acima por Chicamisse (2005), as descreve como predominantemente femininas, indicando o campo como um lugar de reunião de mulheres, eventualmente com relação de parentesco, como sogras e noras, e compartilhamento da produção. O autor afirma que

[...] el trabajo agrícola es fundamentalmente realizado por la mujer, salvo los casos de ancianos que llegan a ser grandes campesinos (en el pasado los hombres contribuían en labores estacionales y aún hay lugares, como Zavala, en que la relación del hombre joven con la agricultura es importante). Así que, por lo general, el campo es un lugar femenino de reunión. En una misma parcela trabajan codo con codo la suegra con la nuera: la primera le enseñará las peculiaridades de la producción familiar y la segunda la relevará en el futuro de dicho trabajo. Los campos colindantes pertenecen a familiares, así que se reúnen para realizar

actividades juntas, fortalecer los vínculos y, en ocasiones, comparten la producción. (Romero, 2013, p. 97)¹⁴

3.2. LUGARES DE TROCA – COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

Segundo o economista moçambicano João Mosca, a comercialização dos produtos agrícolas em Moçambique assumiu diversas formas de organização, ainda sob o domínio colonial português e mais recentemente com a inserção de grandes projetos internacionais desenvolvidos nas zonas rurais do país. O autor apresenta a participação dos circuitos presentes nos mercados informais atuantes na circulação dos alimentos e abastecimento dos mercados consumidores e faz um resgate dos fluxos formais de bens agrícolas (MOSCA, 2011).

Para tanto, a problematização do tema traz um resgate histórico das políticas instauradas em Moçambique que culminaram na atual configuração do sistema produtor da porção sul do país. Mosca coloca os circuitos de comercialização dos agricultores, que com maior facilidade de acesso aos mercados distribuem seus produtos diretamente em bazares, centros de grandes, fábricas e revendas, contribuindo para o abastecimento desses centros consumidores (MOSCA, 2011). O autor apresenta entrevista realizada com José Carlos Trindade que afirma que

Actualmente, grande parte da comercialização é realizada por comerciantes informais que normalmente trabalham com actores de pequena escala do comércio formal que financia os primeiros. Os grandes comerciantes, armazenistas e indústrias adquirem o produto aos pequenos comerciantes. (MOSCA, 2011, p. 339)

Além da exportação das hortícolas supracitadas (item 3.1), conforme apontado por Siteo (2010), outros produtos agrícolas como alho, batata, tomate, cenoura carne bovina são provenientes dos países fronteiriços a Moçambique, como eSwatini (Suazilândia) e África do Sul. Esses alimentos são distribuídos nos mercados de Maputo a partir de entrepostos comerciais, como o mercado do Zimpeto, sendo então direcionados para outros centros de

¹⁴ [...] o trabalho agrícola é realizado principalmente por mulheres, exceto no caso dos idosos que se tornam grandes camponeses (no passado os homens contribuíam para o trabalho sazonal e ainda há lugares, como Zavala, em que a relação dos homens jovens com a agricultura é importante). Então, geralmente, o campo é um local de encontro feminino. Na mesma parcela, a sogra trabalha lado a lado com a nora: a primeira lhe ensinará as peculiaridades da produção familiar e a segunda a substituirá no futuro deste trabalho. Os campos adjacentes pertencem aos membros da família, então eles se reúnem para realizar atividades juntos, fortalecer os laços e, às vezes, compartilhar a produção. [...]. (Romero, 2013, p. 97, tradução nossa).

distribuição, como mercados populares de menor porte dentro de Maputo, administrados pelo Conselho Municipal, como Mercado do Povo, ou até mesmo chegando a servir ao abastecimento de outras províncias (mesmo com todos os impasses logísticos, considerando a dificuldade e custos com transporte). Alguns dos pontos de distribuição identificados durante trabalho de campo, como mercado Zimpeto e Xiquelene, estão localizados próximos a pequenos terminais de transporte urbano, compostos por ônibus e vans (chapas), ou seja, locais de fluxo intenso de pessoas e mercadorias, com abastecimento diário de produtos. Além de alimentos, os mercados populares comercializam ainda outros tipos de produtos, como roupas, sapatos, itens de higiene, e serviços, como cabeleireiros (esse último notado, por exemplo, no mercado do Xipamanine e Janete).

De acordo com o Perfil Estatístico do Município de Maputo - PEMM (Conselho Municipal de Maputo, 2010), na capital de Moçambique existem mais de 50 mercados, entre formais e informais (Tabela 4).

Tabela 4 – Número de barracas e bancas dos mercados de Maputo, 2010

Mercado	Barracas		Mesas/Bancas	
	Total	Ocupadas	Total	Ocupadas
Ferrovário	37	30	303	255
E. Vermelha	18	18	882	658
Drive In	52	52	498	465
Matendene	74	35	528	147
Zimpeto	65	30	112	87
Polana Caniço	9	7	556	250
Kalene Formal	213	182	182	151
Chai	16	6	101	1
Fajardo	17	5	1240	658
Janet	420	239	420	239
Agostinho Neto	110	82	121	1
Mafalala	66	40	417	71
Fajardo informal	17	5	1240	658
Malanga Formal	81	7	270	223
Malanga retalhista	93	72	205	205
Mutchapo	46	27	102	64
Mandela I	17	17	55	36
Magoanine B	45	30	40	18
1º de Agosto	105	5	15	3
16 de Junho	14	11	150	150
Unidade 7	28	22	66	46
Mandela II	53	50	66	46
Xipamanine Bazuca	14	9	74	64

Mercado	Barracas		Mesas/Bancas	
	Total	Ocupadas	Total	Ocupadas
Xipamanine Irmal	52	49	3059	2858
Laulane I	36	9	55	25
1 de Junho	18	14	367	350
Vulcano	32	20	606	510
Mercado Povo	108	107	210	109
Central	16	16	443	367
Laulane II	9	4	3	3
3 de Fevereiro	132	45	79	26
Romão	47	13	97	30
Praça dos Combatentes	110	90	1923	1580
Mahotas	53	17	5	3
Bagamoio	48	22	8	8
Magoanine A	24	14	102	92
Inhagoia	92	62	105	65
25 de Junho	19	3	146	97
Volante 6	19	3	7	3
Malhazine	50	15	68	28
Lhanguene	30	13	44	44
Xipamanine	94	87	1960	1857
Praça de Touros	173	86	38	38
1o de Maio	60	30	18	6
Mavalane	81	29	56	33
Mazambane	96	89	288	172
Maxaquene	441	13	54	21
7 de Abril	44	30	332	242
10 de Novembro	12	4	28	16
G. Dimitrov	197	88	549	240

Elaboração: Própria autora. Fonte: Perfil Estatístico do Município de Maputo, 2010.

A distribuição destes estabelecimentos nos distritos municipais é apresentada na Tabela 5, sendo possível notar maior concentração em KaNhlamankulu e KaMubukwana.

Tabela 5 – Mercados formais e informais situados em Maputo por distrito municipal, 2010

Distrito Municipal	Mercados		
	Formais	Informais	Total
KaMpfumu	3	4	7
KaNhlamankulu	8	6	14
KaMaxakeni	9	2	11
KaMavota	7	2	9

KaMubukwana	10	4	14
KaTembe	---	---	---
KaNyaca	---	---	---
Total	37	18	55

Elaboração: Própria autora. Fonte: Perfil Estatístico do Município de Maputo, 2010.

Durante atividade de campo, foram visitados oito mercados. Na Tabela 6, são apresentadas informações sobre o número de bancas e barracas registrados nos estabelecimentos identificados em trabalho de campo. O mercado do Xipamanine se destaca dentre os mercados identificados em relação ao número de bancas. Trata-se de um dos maiores e mais importantes mercados situados em Maputo, ele foi criado na década de 1940 e desde então já teve sua área ampliada (STACCIARINI & SILVA, 2018). Além do número de bancas e barracas, que indica a quantidade de vendedores alocados no mercado, ao redor dele há expressiva quantidade de vendedores, seja circulando com mercadorias ou expondo seus produtos em capulanas ou esteiras estendidas no chão.

Tabela 6 – Número de mesas e barracas (total e ocupadas) por mercado, 2010

Mercado	Barracas		Mesas/Bancas	
	Total	Ocupadas	Total	Ocupadas
Zimpeto	65	30	112	87
Janet	420	239	420	239
Mandela I	17	17	55	36
Central	16	16	443	367
Mercado Povo	108	107	210	109
Mercado do Xiquelene (Praça dos Combatentes)	110	90	1923	1580
Xipamanine Bazuca	14	9	74	64
Xipamanine Irmal	52	49	3059	2858
Xipamanine	94	87	1960	1857

Observação: Não constavam informações referentes ao Mercado do Peixe.

Elaboração: Própria autora. Fonte: Perfil Estatístico do Município de Maputo, 2010.

Em relação à distribuição espacial dos mercados identificados durante trabalho de campo, a maioria está situada no distrito de KaMpfumo, próximo ao centro de Maputo, são eles: Mercado Central, com construção datada do início do século XX (Foto 1 e Foto 2); Mercado

Mandela I (Foto 3); Mercado Janete (Foto 4); e Mercado do Povo, situado em frente ao Conselho Municipal de Maputo (Foto 5 e Foto 6).

As vendas dos mercados citados são majoritariamente voltadas ao varejo (venda a retalho), atendendo a distintos perfis de públicos, por exemplo, o Mercado Central apresenta público mais elitizado, com maior apelo turístico (mas não só), enquanto que os demais mercados citados nesse distrito atendem, por exemplo, trabalhadores alocados próximo ao mercado, devido a grande quantidade de barracas onde diariamente são servidas refeições no período de almoço.

Foto 1 – Fachada do Mercado Central.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 2 – Interior do Mercado Central.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 3 – Mercado Mandela I – na baixa da cidade, na avenida Felipe Samuel Magaia.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 4 – Mercado Janet, na avenida Vladimir Lenine.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 5 – Bancas de frutas, legumes e hortícolas no interior do mercado do Povo.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 6 – Parte externa do mercado do Povo.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

No distrito de KaMabukwana, na porção mais ao norte da cidade, está situado o Mercado do Zimpeto (Foto 7 e Foto 8), às margens da Estrada Nacional 1 (EN1) que cruza o país de norte a sul e possui mais de 2.500 km de extensão. Nesse mercado são negociados produtos a atacado (a grosso) e no varejo (a retalho) e possui bastante relevância na comercialização dos produtos agrícolas, tanto nacionais quanto importados, devido a grande quantidade de produtos que ali são comercializados, funcionando como entreposto comercial. Destaca-se sua localização estratégica, às margens da maior estrada de rodagem do país, um facilitador para o escoamento dos produtos ali negociados.

Foto 7 – Mercado do Zimpeto – Carregamento de laranja proveniente da África do Sul – caminhões de grande porte.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 8 – Mercado do Zimpeto – Cebola comercializada a atacado (sacos fechados) e varejo (pequenos montes).



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

No distrito de KaNhlamankulu localiza-se o mercado do Xipamanine, importante centro de distribuição de produtos de origem vegetal e animal e oferta de serviços diversos, como cabelereiro, e venda de peças diversas de vestuário. No distrito de KaMavota, na porção sudeste de Maputo, localiza-se o mercado do Peixe, no bairro da Costa do Sol, que recentemente passou por um processo de mudança e reestruturação, passando a situar-se em local mais afastado do centro de Maputo. Nesse distrito também se localiza o mercado do Xiquelene, que está situado ao lado de um terminal de chapas (vans utilizadas para o transporte de passageiros e também mercadorias).

Foto 9 – Amendoim comercializado no mercado do Xiquelene.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 10 – Mercado do Xiquelene.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 11 – Entrada do Terminal de Chapas (vans utilizadas para transporte público) localizado ao lado do mercado do Xiquelene.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 12 – Terminal de Chapas do Xiquelene.



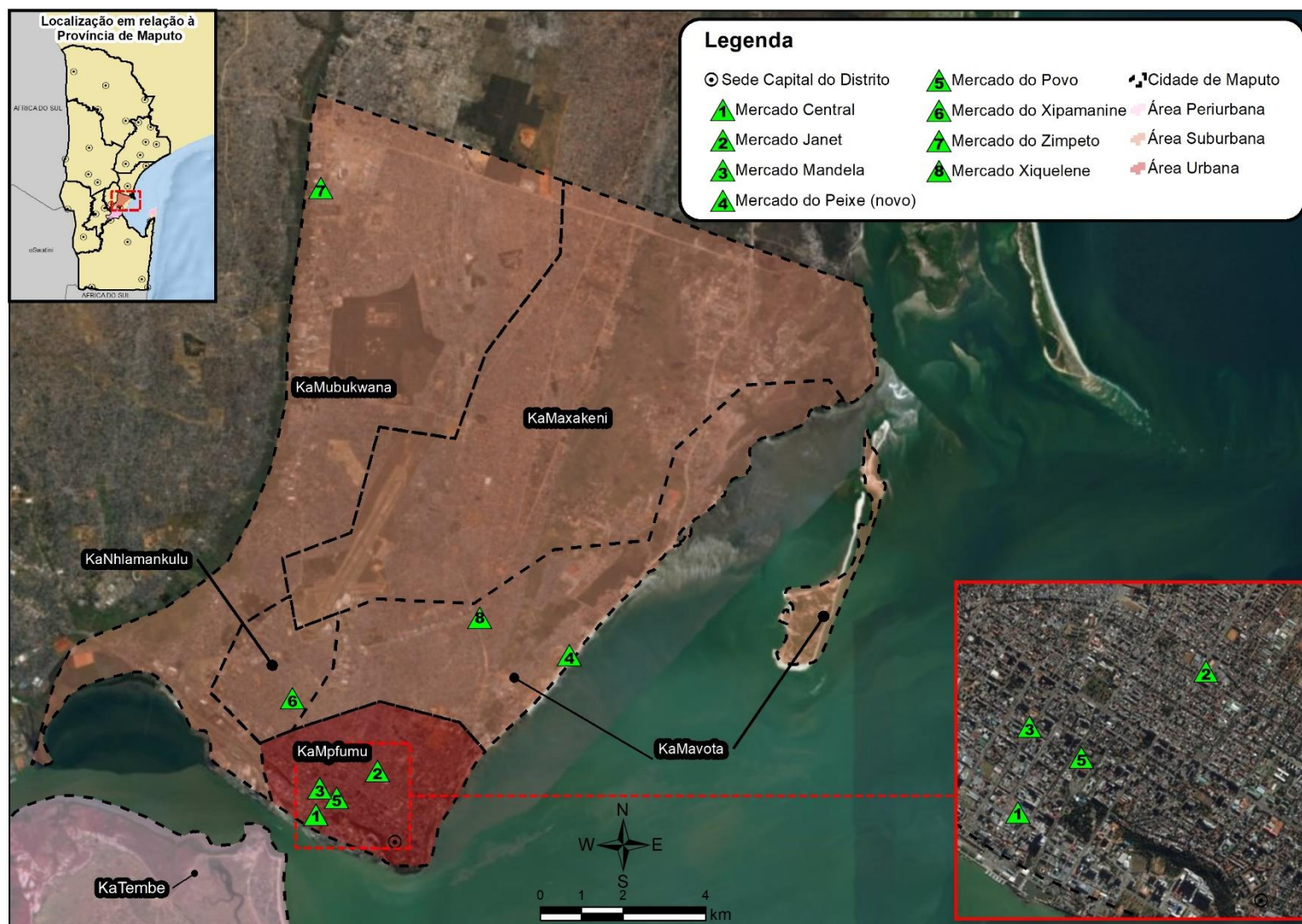
Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Foto 13 – Mercado do Xipamanine – à direita barracas de venda de carne e animais.



Autoria: Victória C. Vianna. Junho de 2015.

Figura 3 – Mercados identificados durante trabalho de campo em Maputo (cidade)



Elaboração: Tatiane Brasil de Freitas, 2018.

Chicamisse (2005), ao analisar as estratégias de comercialização adotadas pelos produtores do Distrito Urbano 05 – KaMubukwana (um dos distritos pertencentes às zonas produtoras de Maputo e considerada pelo autor na análise da questão da comercialização dos produtos agrícolas como referência ao praticado em outras áreas do Vale do Infulene), descreve a revenda dos produtos via intermédio de atravessadores ou, como citado pelo autor, *gweva* ou *magwewa* (de origem da língua thosa). Os produtores revendem aos intermediários que por sua vez comercializam nos mercados de Maputo ou em suas próprias bancas. Outras formas de comercialização incluem a diretamente realizada pelos produtores em seus bairros de origem, em pequenas quantidades, ou ainda aqueles que revendem seus produtos diretamente nos mercados de Maputo (CHICAMISSE, 2005).

Soma-se ainda a distribuição em supermercados de grandes redes varejistas (como Spar e Shoprite) e a comercialização de produtos nas ruas, em barracas, sobre capulanas dispostas nas calçadas, ou ainda por vendedoras ambulantes, sendo essa atividade realizada majoritariamente por mulheres. Ou seja, verifica-se que a rede de distribuição presente em Maputo insere-se, ou é composta, por diferentes circuitos da economia urbana, passando pelas grandes redes do varejo, assim como pelo comércio ambulante, que agrega ocupações de pequeno porte, negociações estabelecidas em dinheiro líquido, baixa reserva de mercadorias – o que Santos (2004) denomina como circuito inferior da economia urbana.

Nesse contexto, importante mencionar a prática do *xitique*, verificada nos mercados visitados durante trabalho de campo, que é um sistema de poupança e crédito rotativo, como indicado por Trindade (2013). Esse sistema é majoritariamente praticado por mulheres e “tem como objectivo base a aquisição de bens, produtos e serviços que de outra maneira não seriam acessíveis” (Trindade, 2013). Ou seja, por meio desse mecanismo aqueles que o praticam alcançam não somente objetivos de cunho econômico, mas também criam e fortalecem uma rede de solidariedade e compromisso entre os integrantes do grupo. Segundo Trindade, muitas vezes, os participantes dessa rede traçam objetivos específicos, como a compra de produtos para (re)venda, compra de terrenos, de material de construção para melhoria das habitações, o pagamento da escola e material escolar das crianças, a compra de objectos para a casa, entre outros, o que permite um planeamento a curto ou médio prazo, já que se trata de um compromisso assumido com o grupo referente a ação de poupar o valor pré determinado no prazo combinado entre os participantes. O grupo pode ser constituído por membros da mesma família ou entre amigos e colegas de trabalho (TRINDADE, 2013, pág. 3).

Ainda no que se refere à circulação de produtos em Maputo, menciona-se a atuação das muqueiristas (*mukheiristas*) – mulheres que tem como ocupação a compra e venda de

produtos entre Maputo e Johannesburg (África do Sul), deslocando-se regularmente entre os dois países. Os tipos de produtos por elas comercializados é muito variado, incluindo itens agrícolas cultivados em Moçambique e produtos alimentícios industrializados, além de roupas, calçados, entre outros, provenientes da África do Sul (ROMERO, 2013, p. 223; Bagnol¹⁵, 2018).

¹⁵ Informações verbais fornecidas em palestra proferida em 9 de novembro de 2018 por Brigitte Bagnol, em comunicação intitulada “Gênero, segurança alimentar e nutricional em Moçambique”, no âmbito do evento “Vizinhança nas entrelinhas: alianças e conflitos, trocas (des)iguais e cooperação entre Moçambique e África do Sul”, realizado em parceria com pesquisadores do CEA/USP, PPGAS/USP, NUMAS/USP e o SESC/SP. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=-OvYbpRHiJ8&t=2787s> > Acesso em novembro de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das características apresentadas, verifica-se que parte dos alimentos que abastecem a capital moçambicana, considerando-se nessa análise produtos de consumo básico, como vegetais e animais de pequeno porte, é inserida nos circuitos comerciais por meio de uma rede que abrange a produção das zonas verdes do município e produção proveniente de países fronteiriços. A referida produção interna tem como fonte pequenas unidades produtivas que consideram o trabalho familiar, uma produção com baixo uso de insumos agrícolas e pouco acesso a melhorias ou tecnologias agrícolas.

Há um esforço do poder público relacionado ao fortalecimento e expansão do setor formalizado por meio da indicação de ações em planos e programas governamentais para a temática agrícola, porém a produção da capital e arredores ainda consta abaixo da capacidade estimada para a área, sendo necessária a discussão a respeito das características das ações propostas e sua efetividade, assim como prioridade na agenda do poder público competente.

Além dos impasses relacionados a melhorias na produtividade, ações na área, para tornarem-se efetivas, deveriam considerar incrementos simultâneos em relação à logística e infraestrutura de transporte e comercialização dos itens produzidos, para que essa produção agrícola seja capaz de atender a demanda da capital, com preços finais mais competitivos no mercado local. Ou seja, expandir a capacidade produtiva e de abastecimento, considerando o fortalecimento da produção dos pequenos produtores agrícolas instalados na região do Vale do Infulene e outras áreas dedicadas à produção agrícola voltada ao abastecimento da capital moçambicana, além de atenção voltada à circulação dos produtos, com ênfase nos meios de transporte rodoviário menos robustos que são comumente utilizados na área de estudo, não somente grandes veículos dedicados ao transporte de cargas mais vultuosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Manuel G. Mendes. **Cidade de Maputo – Espaços contrastantes: do Urbano ao Rural**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

BAIA, Alexandre Hilário Monteiro. **Os Conteúdos da urbanização em Moçambique – I Considerações a partir da expansão da cidade de Nampula**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia. São Paulo, 2009. 179 f.

CHICAMISSE, Francisco A. Z. **Agricultura Urbana no Setor Familiar Associativo do Distrito Urbano nº 5 da Cidade de Maputo**. Trabalho de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Geografia. Maputo, 2005. CMM – Conselho Municipal de Maputo, Direcção Municipal de Finanças. Programa Estratégico para a Redução da Pobreza Urbana (PERPU) – Relatório de Execução do PERPU – 2015. Maputo, 2016.

CONSELHO MUNICIPAL DE MAPUTO. Perfil Estatístico do Município de Maputo, 2010. Disponível em <<https://docplayer.com.br/23922462-Perfil-estatistico-do-municipio-de-maputo.html>> Acesso em junho de 2019.

FEIJÓ, João; AGY, Aleia Rachide. Processos migratórios, trabalho agrícola e integração nos mercados – Efeitos da implementação de grandes projectos sobre comunidades camponesas. In: BRITO, Luís de *et al* (org.). **Desafios para Moçambique 2015**. IESE (Instituto de Estudos Sociais e Económicos): Maputo, Moçambique, 2015. P. 272-310.

GOVERNO DA CIDADE DE MAPUTO. Plano de Acção da Produção Agrária e Pesqueira (PAPAP) – 2017. República de Moçambique, Governo da Cidade de Maputo, 2016.

JESUS NETO, Antônio Gomes de. **Da formação territorial às atuais fronteiras de Moçambique**. Trabalho de Graduação Individual (TGI). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia. São Paulo, 2012. 98 f.

JESUS NETO, Antônio Gomes de. **Entre trilhos e rodas: fluidez territorial e os sentidos da circulação de mercadoria em Moçambique**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia. São Paulo, 2016. 142 f.

MOSCA, João. **Políticas Agrárias de (em) Moçambique (1975-2009)**. Escolar Editora: Lisboa, 2011.

MOSCA, João. **Agricultura familiar em Moçambique: ideologias e políticas**. Revista NERA. Presidente Prudente. Ano 20, nº. 38, 2017. P. 68-105.

MUNGÓI, Claudio Artur. **Desenvolvimento Regional no Vale do Zambeze – Moçambique em Perspectiva**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2008. 353 f. Disponível em <

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15649/000688350.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em junho de 2019.

REOLON, Cleverson A.; SOUZA, Valmir de. **A teroria dos dois circuitos da economia urbana de Milton Santos: subsídios para uma discussão**. Revista Formação. Universidade Estadual Paulista, n. 12, v. 02, 2005.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, Ministério da Agricultura. Plano Estratégico de Desenvolvimento do Setor Agrário (PEDSA) – 2011-2020. Aprovado na V Sessão do Conselho de Ministros, maio de 2011. Disponível em <<http://www.masa.gov.mz/institucional/ministerio/arquivo/politicas-e-estrategias/>> Acesso em abril de 2018.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Proposta do Programa Quinquenal do Governo (PQG) 2015-2019. Aprovada na 4ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros. Maputo, 2015. Disponível em <<http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Governo/Documentos/Planos-e-Programas-de-Governacao/Plano-Quinquenal>> Acesso em abril de 2018.

ROMERO, Álvaro Alconada. **Madjonjoni – Sociedad, cultura y migración en el sur de Mozambique**. Tesis doctoral. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, 2013. 385 f. Disponível em <<https://eprints.ucm.es/23814/1/T34968.pdf>> Acesso em janeiro de 2019.

SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Editora da Universidade de São Paulo – Edusp. 2ª ed. São Paulo. 2004.

SITOE, Tomás Adriano. **Diversificação Produtiva e de Atividades de Geração de Renda e uma Análise da Produção Hortícola no Cinturão Verde da Cidade de Maputo – Região Sul de Moçambique**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. 201 f.

SOUSA, Leonardo Veronez. **Agriculturas (peri)urbanas em Maputo: suas dimensões e o espaço urbano**. In Progress – 2.º Seminário sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África. CEsa - Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016 Ebook. ISBN 978-989-96473-7-4. Disponível em <<https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/menupublicacoes/e-book>> Acesso em fevereiro de 2018.

SOUSA, Leonardo Veronez. **Experiências de agricultura (peri)urbana coletiva: outras experiências económicas?** Tese (doutorado). Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia. Coimbra, 2014. 280 f.

STACCIARINI João H. S.; SILVA, Laira C. **O mercado informal de Maputo (Moçambique) e a feira de Xipamanine: entre curiosidades e vivências no continente africano**. Élisée, Rev. Geo. UEG – Porangatu, v.7, n.1, p.41-52, jan./jun. 2018.

TRINDADE, Catarina Casimiro. **O dinheiro em poder delas: a prática do xitique na cidade de Maputo**. Seminário Outras Economias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2013. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/inov/producao/seminarios/outras-economias-universidade-e-educacao-popular-no-seculo-21/materiais-da-profa-teresa-cunha/o->

[dinheiro-em-poder-delas-a-pratica-do-xitique-na-cidade-de-maputo/view](#)> Acesso em agosto de 2019.